

# I Encontro da Fundação Lucinda Atalaya

A educação está no palco!  
A educação hoje: na família, na escola, na sociedade

## O que é que eu andei a fazer na escola?

**Por Maria José Vidigal**

Psiquiatra, pedopsiquiatra e psicanalista

Quando entrei na primeira classe, tive uma das maiores decepções da minha vida: a professora era grande, muito loura e tinha um vozeirão de general, batendo desesperadamente na pobre da secretária que não tinha culpa nenhuma daquele grupo de "buuuurros"!

Fiquei apavorada e pensei que nunca iria aprender a ler e eu que levava tantas esperanças... Quem é que alguma vez ia entender as formiguinhas a percorrerem aquelas linhas que nunca se encontravam...

Além disso, a senhora professora tinha vindo da Metrópole, lá dessa terra distante com muitos rios, serras e linhas de caminho de ferro!... Um horror para meter aquilo tudo na cabeça! E, ao contrário de muita gente nesta sala, eu era uma portuguesa de segunda: quem diria!

Nas múltiplas escolas que frequentei, sem dúvida que foi a de M<sup>o</sup> Banza Congo que me deixou experiências inesquecíveis.

Uma sala muito comprida, com as 4 classes, todos africanos, excepto 2 meninas brancas, um menino branco adoptado e um príncipe, filho do rei do Congo. E o senhor Pimentel, mulato de bigodinho, um apaixonado inteligente, acreditando que todos aqueles meninos eram inteligentes e podiam amar e cantar Camões:

(...)

As armas e os barões assinalados

(...)

(...)

Estavas, linda Inês, posta em sossego,

(...)

Como diria João dos Santos, foi a única escola que me ensinou que a escrita pode comunicar ideias, emoções e paixões "O nome que no peito escrito tinhas...".

Daniel Pennac precisou de um ano para aprender a letra **a**, um ano. E então o pai dizia à mãe: "não entremos em pânico, daqui a vinte e seis anos ele dominará perfeitamente o alfabeto".

Foi em 1968 que ele fez uma licenciatura em Letras. E o pai optimista: "Precisaste de uma revolução para a licenciatura, devemos rezear uma guerra mundial para a agregação?"

Esta Mesa que chamam Redonda, não sei porquê, porque é rectangular, tem portugueses muito ilustres, todos de primeira! Faz-me lembrar um Presidente do Brasil, Henrique Cardoso, que era também um homem muito culto, tinha andado na Universidade e até no estrangeiro, que criticava muito os políticos incultos e que mal sabiam falar o português. E então em seguida vem o Presidente actual, Lula da Silva, que tem a 4ª classe, que viveu em bairros pobres e vendia bugigangas... Um dia o Presidente Lula visitou uma comunidade pobre do Rio de Janeiro, agarrou numa menina, afagou-lhe os cabelos e esperou que os jornalistas se aproximassem. Então disse-lhe "estuda minha filha, caso contrário, você vira mesmo presidente como eu!"

Nas nossas estórias há professoras que fizeram história: a Marquinhas, a professora de instrução primária de João dos Santos, que tinha a particularidade de não saber ler; a D. Miquelina da "Escola do Paraíso" de José Rodrigues Miguéis, cuja casa era um antro de excitação e volúpia para o pequeno Gabriel que olhava fascinado o seu toucador e aquele mundo do qual ele também tinha medo, um mundo de alegrias, desilusões, fantasias, verdades e lendas que se entrelaçavam; e a professora Genoveva que um dia apareceu em casa do Dalinho, coberta de suor, a dizer que precisava de falar muito com a mãe, como conta Ondjaki?

Inteligente e perspicaz, o Dalinho, para ganhar tempo "Camarada professora, quer mesmo falar?" Logo de seguida informou-a que não podia ir acordar a mãe porque ela estava muito incomodada. "Ela foi-se deitar (...) sabe, é que ela acordou com a menstruação, tava cheia de dores".

A professora fez uma cara muito estranha e mais estranha ainda ia ficando à medida que ouvia a lição do Dalinho sobre a menstruação das mulheres e até "ia ficando com cara de menstruação".

O garoto podia não saber das coisas da escola mas lá que sabia das coisas da vida, sabia!

E não será necessário ensinar primeiro as coisas da vida, para se ser inteligente, vivo e imaginativo? Até o Eça disse que os portugueses só começavam a ser idiotas quando chegavam à idade da razão...

Será que haverá uma certa amargura nestas minhas palavras? Não. Mas... de quem tenho medo verdadeiramente é dos burocratas de qualquer área, seja do ensino ou da saúde, dos que já deixaram de sonhar.

Mas com as crianças temos que ter cuidado em não deixar romper o cordão que as une ao sonho! É por isso aqui estamos!